

# PERCEPÇÃO TRANSDISCIPLINAR NA ESTRATÉGIA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE HIRSCHMANN

Leidimar Cândida dos Santos\*

---

**Resumo** – O paradigma da ciência moderna está sendo repensado por aqueles que não acreditam no conhecimento fragmentado em disciplinas, tampouco na racionalidade pura do método científico. Muitos estudiosos do nosso tempo têm se ocupado de observar a ciência moderna a partir de outro ponto. Para além do modelo de ciência vigente está a transdisciplinaridade, que permite ampliar a compreensão do que é conhecimento científico e de como pode ser produzido contextualmente. Os fundamentos científicos modernos, ao longo do tempo, pautaram e continuam a influenciar a elaboração das teorias do desenvolvimento. Albert Hirschmann, já na década de 1950, elaborou sua teoria sobre o desenvolvimento econômico através da obra “Estratégia do Desenvolvimento Econômico”; nessa obra, ele já acenava para uma concepção de desenvolvimento mais complexa, que não sendo transdisciplinar é, pelo menos, interdisciplinar.

**Palavras-chave** – Transdisciplinaridade. Desenvolvimento econômico. Estratégia. Ciência. Albert Hirschmann.

**Abstract** – The paradigm of the modern science has been rethought by those who neither believe in knowledge divided into subjects, nor in the pure rationality of the science method. The trans-curricular activities are beyond the current science pattern and they allow us to broaden the comprehension of what scientific knowledge is and how it should be built contextually. The modern scientific basis has been used as background of the development theories during the years. However, Albert Hirschmann built his theory in the book Economic Development Strategy, pointing to an idea of development which, if it is not trans-curricular, at least it is cross-curricular.

**Key words** – Trans-curricular activities. Economic development. Strategy. Science. Albert Hirschmann.

**Jel Classification** – O, Economic development, technological change, and growth; 01, Economic development; 010, General.

---

---

\* Mestre em Contabilidade, área de concentração gestão pública, pela Fundação Visconde de Cairu de Salvador, Bahia, professora de ensino superior, curso de Ciências Contábeis. E-mail: leideba@terra.com.br.

ANÁLISE	Porto Alegre	v. 18	n. 1	p. 64-77	jan./jun. 2007
---------	--------------	-------	------	----------	----------------

## 1 Introdução

Os poetas sempre fazem leitura crítica do mundo através da emoção. Retratam, a cada tempo, considerando as experiências contextualizadas e o sujeito, o caminhar do mundo, sempre em transformação. Ítalo Calvino, ao sugerir seis propostas para o século 21, apontou com a consciência emocional de um célebre poeta para as reflexões atuais a respeito da concepção científica do mundo e propôs, ao fazer um paradoxo entre a leveza e o peso, que em certos momentos da vida é preciso *mudar o ponto de observação*. Esta atitude permite ir para além de realidade que está posta e, portanto, refletir sobre ela. Diante disso, uma nova perspectiva se abre e se a reflexão diz respeito ao ideal científico até então vigente, de outro ponto, a observação, a constatação é que a hora é de mudar, ampliar, questionar, propor.

Muitos estudiosos do nosso tempo têm se ocupado de observar a ciência moderna a partir de outro ponto. Dele, observam que a racionalidade pura e o rigor do método científico já não dão conta de explicar a complexidade da realidade e é preciso repensar a forma de construção das respostas. Dois aspectos importantes precisam ser considerados neste processo: a relação sujeito/objeto de estudo e o isolamento do conhecimento em disciplinas. Para explicar a complexidade do mundo, é bom que as experiências do homem, enquanto sujeito histórico, sejam levadas em conta. Muitas respostas podem ser construídas a partir da percepção, captadas pelos sentidos, algo que desmistifica a necessidade do total distanciamento do sujeito/objeto do conhecimento e sugere a sua junção. Senso comum? Não. Apenas término da ilusão criada de que ciência só se faz com objetividade e neutralidade.

Para além do modelo científico vigente, a partir da mudança do ponto de observação, ocorre a constatação de que o conhecimento disciplinar, isolado em disciplinas de áreas distintas do conhecimento, precisa ultrapassar suas próprias fronteiras para possibilitar a (re)integração dos saberes. A proposta é que o conhecimento se torne transdisciplinar, ou seja, a totalidade não é mais uma só, mas a junção de várias totalidades provenientes de realidades diversificadas. Os limites da compreensão que o ser humano pode ter do mundo não são mais escondidos e sim evidenciados porque a realidade pode ser compreendida de uma maneira melhor se não há a especialização da ciência e a fragmentação do conhecimento em disciplinas isoladas.

A concepção de ciência vigente fundamenta a elaboração de muitas teorias, inclusive as que explicam, ao longo da história, o desenvolvimento econômico dos países. A percepção é a de que o conceito de desenvolvimento foi sendo construído paulatinamente através da história, mas durante muito tempo restringiu-se à área da Economia. Albert Hirschmann, na década de 1950, lançou a sua teoria a respeito do assun-

to em que há pistas que sugerem ser o conhecimento transdisciplinar comovia para dar conta de explicar como acontece o desenvolvimento econômico em países subdesenvolvidos.

A proposta deste artigo é abordar a crítica atual ao ideal científico da ciência moderna, verificando qual é a proposta do conhecimento transdisciplinar e se ela pode ser percebida nas formulações teóricas a respeito do desenvolvimento econômico feitas por Albert Hirschmann. Para tanto, procedeu-se a uma revisão bibliográfica a respeito de temas relacionados com o assunto abordado e, posteriormente, à análise de idéias de Hirschmann presentes no livro “Estratégia do Desenvolvimento Econômico”, publicado em inglês em 1958.<sup>1</sup>

A hipótese de trabalho é que, na atualidade, a concepção de desenvolvimento perpassa vários campos do saber, mas, recorrer a outras áreas da ciência, além da Economia, para explicar como países subdesenvolvidos alcançam o desenvolvimento econômico já era proposta de Hirschmann na década de 1950. Pensa-se que este autor já trazia, no bojo das suas elucidações teóricas, a concepção transdisciplinar, ou pelo menos interdisciplinar, de ciência.

O texto está organizado em três seções; sendo esta a primeira, onde estão os pressupostos que norteiam toda a discussão. Na segunda, há a retomada das reflexões feitas atualmente acerca do ideal científico da ciência moderna e a constatação do que conhecimento transdisciplinar e da sua importância para elaborar conhecimento científico. Já na terceira, é feita uma análise do pensamento de Hirschmann, de modo a identificar pistas que o relacionam com a transdisciplinaridade. Por fim, são apresentadas as considerações finais a respeito do tema abordado.

## 2 Integração de saberes: a transdisciplinaridade

Cada vez que o reino do humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu deveria voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle (Calvino, 1998).

Mudar o ponto de observação! Os dizeres de Ítalo Calvino expressam um movimento atual que a ciência faz em busca de redimensionar as formas de construção do conhecimento científico, com a pretensão de responder às questões do mundo contemporâneo. Tal movimento contrapõe-se ao ideal científico proposto pela ciência moderna. Este paradigma valoriza o método dedutivo, a objetividade e uma postura metodológica que busca a universalidade indubitável das teses científicas que têm um caráter a-histórico e podem ser aplicadas na realidade de qualquer tempo: presente ou futuro.

---

<sup>1</sup> *The strategy of economic development*, obra traduzida para o português nos anos de 1960.

É no pensamento de Descartes, precursor da ciência moderna, em que se fundamenta tal paradigma. Este filósofo trata a ciência como absoluta e afirma que ela só pode ser feita com rigor metodológico. Partindo da idéia de que a realidade é falsificável, Descartes inicia a sua empreitada em busca da verdade. Este processo caracteriza-se em julgar a evidência e a inteligibilidade das coisas. Somente o que é percebido pela razão como evidente e inteligível, é verdadeiro e imparcial. A Regra III para a direção do espírito elaborada pelo filósofo afirma,

Acerca dos objetos considerados, deve-se investigar não o que os outros pensaram ou o que nós próprios suspeitamos, mas aquilo do que podemos ter uma intuição clara e evidente, ou que podemos deduzir com certeza, pois de outro modo, não se adquire a ciência (Descartes, 2002).

Nesta regra fica evidente, como parte do método científico, a defesa do distanciamento entre o sujeito e o objeto. Os elementos externos à razão, como a cultura e os costumes, não seriam levados em conta no processo de busca da verdade porque caracterizavam a experiência cultural e histórica dos indivíduos e, por isso, só podiam pertencer ao senso comum.

O que ocorre nos dias atuais é uma crítica, na tentativa de mudar o ponto de observação, a esta concepção de ciência. Não que os pensadores da atualidade queiram exterminar o ideal científico de outrora, mas, a partir dele próprio, enxergar que é preciso ir além do rigor metodológico para explicar a realidade cada vez mais complexa e composta por elementos vindos de todos os campos do saber.

A racionalidade da ciência moderna, gerida a partir do século 16 e sedimentada no século 19 era voltada para as ciências naturais. O positivismo estendeu às ciências sociais emergentes o *status* de verdade. Tanto as ciências sociais quanto as naturais trabalhavam com leis que possuem um caráter probabilístico e simplificam a realidade de forma arbitrária. Contestando estas bases, Boaventura de Sousa Santos afirma que a ciência dominante “nos confina a um horizonte mínimo para além do qual outros conhecimentos da natureza, provavelmente mais ricos e com mais interesse humano, ficam por conhecer” (Santos, 2002).

Para o ideal científico moderno, uma forma de conhecimento que fuja aos pressupostos de axiomas é considerada conhecimento do senso comum, portanto, inútil. Este tipo de conhecimento sofre um “epistemiocídio” (grifo nosso) através da marginalização, demonização e estereotipação, o que leva a sociedade contemporânea a desperdiçar experiências de indivíduos que poderiam solucionar problemas do seu local e do seu tempo. Esta organização da ciência contraria Aristóteles: “Ao contrário da ciência aristotélica, a ciência moderna desconfia sistematicamente das evidências da nossa experiência imediata” (Santos, 2002).

A perspectiva moderna de ciência privilegia a investigação de como as coisas funcionam, enquanto o senso comum busca entender “qual o agente” ou “qual o fim das coisas”. Isto significa dizer que este paradigma é utilitário e funcional, enquanto que o do senso comum pretende compreender o real e transformá-lo.

O rigor científico, fundamentado na matemática, faz-se pelas medições e pela redução da complexidade. Conhecer é dividir e classificar, e ao mesmo tempo, desqualificar, para depois determinar relações entre o que se separou a fim de descobrir a ordem e a estabilidade, buscando leis a-históricas que possam resolver questões tanto do presente quanto do futuro. É possível concluir que a concepção de tempo na racionalidade moderna é linear. Este rigor perde em riqueza ao esconder os limites da compreensão que o ser humano pode ter do mundo, pois acabou gerando a especialização da ciência e a fragmentação do conhecimento em disciplinas isoladas. Na busca racional do conhecimento, há o processo de classificação e desqualificação, que pretende ser universal. Contudo, a racionalidade moderna não consegue dar respostas aos problemas mundiais, sendo, inclusive, restrita ao mundo ocidental, produzindo conhecimentos hierarquizados e em relações dicotômicas onde o Oriente não pode ser visto sem o Ocidente, o negro sem o branco, a mulher sem o homem etc.

Outro aspecto levantado por Boaventura de Souza Santos é a relevância do que é estudado pela ciência assentada no paradigma moderno. Segundo ele, nenhum conhecimento possui relevância por si mesmo. Na atualidade, a relevância é construída a partir da necessidade de determinados grupos sociais, de acordo com seus interesses de enriquecimento e não no interesse da humanidade como um todo. Em função destes interesses capitalistas, a ciência passa por um descompasso entre métodos e teorias. Os métodos, em função da utilidade pragmática da economia de mercado, têm encontrado maiores condições para seu desenvolvimento, enquanto as teorias praticamente não se transformaram.

A concepção moderna de ciência está em transformação e a recondução de uma nova forma de fazer ciência está no interior dela mesma. As Ciências Sociais, configuradas da forma que estão, não dão conta de um processo de inclusão de práticas sociais contra-hegemônicas, em função do modelo de racionalidade atual, que foi se desenvolvendo no contexto da formação dos Estados Nacionais europeus, revoluções industriais e no desenvolvimento do capitalismo que exclui e hierarquiza saberes.

Pensar as idéias de Kant como um princípio deste novo paradigma poderia ser uma possibilidade de pesquisa interessante. Diante do contexto em que vivia, no debate entre racionalistas e empiristas ele constrói uma idéia conciliatória que considera a importância da razão na construção do conhecimento, assim como o papel dos sentidos, validado

pela experiência. Esta idéia fundamental aponta para o papel da subjetividade na construção do conhecimento. Kant discorda de Descartes e promove uma revolução nas idéias ao fazer crítica à razão pura. Ele amplia as discussões em torno da ciência, considerando que tanto os sentidos quanto a razão são importantes para a elaboração do conhecimento científico, ou seja, assume que ao sujeito cabe um papel importante no ato de conhecer. O conhecimento só é captado a partir do sujeito que conhece.

Em contrapartida à matriz lógica da ciência moderna, que defende um conhecimento disciplinar, a ciência do século 21 toma novos rumos em função das transformações sociais e teóricas existentes, pois os pilares em que esteve assentado o conhecimento até então se demonstra frágil para resolver as questões do mundo contemporâneo. Um dos movimentos tomados por esta ciência em construção é o da transdisciplinaridade. Ele tem propiciado uma profunda reflexão quanto às práticas científicas e abrange questões que anteriormente eram estudadas apenas pelos sociólogos, como análise de condições sociais, contextos culturais e modelos organizacionais.

A transdisciplinaridade emerge a partir da convicção de que o conhecimento obtido através das disciplinas, de maneira isolada, distante do contexto em que foi produzido, necessita transformar-se em uma complexidade, o que, segundo Morin significa, originariamente, aquilo que é tecido junto. “O pensamento complexo é o pensamento que busca distinguir (mas não separar), ao mesmo tempo em que busca reunir” (Morin e Wulf, 2003). Assim, pode-se dizer que a transdisciplinaridade é muito mais uma atitude, uma forma de agir, que está sempre em construção, do que propriamente um conceito pronto e acabado. Conforme afirma Morin a ação transdisciplinar se faz através do pensamento multidimensional, que visualiza o contexto e a complexidade do mundo e se torna consciente e responsável. Para ele, é preciso considerar que o domínio

[...] do conhecimento fragmentado de acordo com as disciplinas impede frequentemente de operar o vínculo entre as partes e a totalidade, e deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto (Morin, 2002b).

A proposta transdisciplinar conduz o pensamento e a ação para além do conhecimento disciplinar, considerando tanto a multiplicidade dos métodos de conhecimento, quanto a subjetividade do indivíduo, ou seja, o conhecimento científico precisa surgir a partir do entrelaçamento das vozes das mais diversas áreas do saber. Isso pode ser visualizado a partir da imagem da interligação das partes no todo e vice-versa. Sob a perspectiva transdisciplinar, a ciência pode superar o paradigma lógico até então estabelecido e estudar os fenômenos de forma mais aprofundada.

Nesta nova concepção de ciência, pode-se pensar em traduzir a subjetividade como as experiências obtidas no senso comum, algo inconcebível para a ciência moderna. O conhecimento sensível, estético e ético, até então classificado como senso comum, é também fonte de conhecimento científico. O novo paradigma emergente da ciência visa uma interação de saberes (o do senso comum com os saberes sistematizados), pois acredita que neste encontro, há o estreitamento das relações do sujeito com o mundo e a produção de um conhecimento muito mais comprometido com a realidade na qual se dá.

A integração de saberes é, na verdade, reintegração e pressupõe, portanto, o encontro e o diálogo com o outro, até então excluído do processo de produção do conhecimento. Para Boaventura de Sousa Santos, “[...] mais do que uma teoria comum, do que necessitamos é de uma teoria da tradução que torne as diferentes lutas inteligíveis e permita aos atores coletivos ‘conversarem’ sobre as opressões a que resistem e as aspirações que os animam” (Santos, 2002). Trata-se de uma linguagem da qual diferentes atores fazem uso para entender e explicar os mais diversos cenários criados pela dinâmica da realidade, captados pela experiência, pelo sensível e não exclusivamente pela razão. O trabalho de tradução surge da necessidade, do inconformismo ou da tentativa de superação da realidade existente, por isso não se traduz de fora para dentro. É preciso ter a sensação da incompletude da totalidade para sentir-se motivado a buscar contato com outras totalidades. A coexistência de múltiplas totalidades geraria novas possibilidades de interferência no presente fazendo expandi-lo, dando esperança aos que têm suas expectativas lançadas para o futuro, já que a racionalidade moderna não responde às diversas questões, principalmente vivenciadas pelos povos dos países empobrecidos. O trabalho de tradução toca em um ponto crucial da ciência moderna que só lida com axiomas incontestáveis transformando-os em argumentações, ou seja, estes axiomas têm de ser contestados.

É nesse contexto de reflexão e crítica ao ideal científico moderno, da constatação de que uma nova forma de fazer conhecimento científico, trabalhando sob o prisma transdisciplinar, talvez possa ser a chave para responder a muitas questões da atualidade, é que se pretende situar a discussão acerca do desenvolvimento econômico das nações mundiais. Sob a ótica da Economia, o desenvolvimento é discutido desde os pensadores clássicos até os mais atuais. Questões como, “o que é desenvolvimento? Como é que uma nação se desenvolve?” permearam as mais diferentes épocas do pensamento econômico e respondê-las não só foi como continua sendo um desafio a ser vencido. No entanto, as respostas a estas perguntas é que se diferenciaram ao longo do tempo. E o que se pretende aqui é constatar que, embora as discussões a respeito do conhecimento transdisciplinar sejam mais recentes do que algumas teorias

econômicas que tratam do desenvolvimento, nos escritos de Albert Hirschmann, particularmente na sua obra “Estratégia do Desenvolvimento Econômico”, de 1958, a idéia de estudar a realidade a partir da sua complexidade já estava presente.

Até a década de 1920, a economia clássica, com suas imprescindíveis contribuições, pautava a noção de desenvolvimento em hipóteses como: os recursos naturais que os países possuíam, no capital, na capacidade de organização e de direção; e investimento em indivíduos como agente de produção. Acreditava-se que desenvolver era possível pela condição natural de cada país (a natureza propiciava ambiente para isso) ou pela junção de investimentos com a aplicação de um modelo de ação que tivesse dado certo em países do Primeiro Mundo. Este foi, por exemplo, o receituário recomendado para a América Latina nos anos de 1950. O ideal do desenvolvimento era proveniente da Europa e pensava-se em aplicar no território latino-americano as mesmas diretrizes.

A partir de 1920, Hirschmann começa a traçar sua teoria de desenvolvimento ampliando e contestando os estudos de outros pensadores. Morando na Colômbia, acompanhava de perto a realidade dos países do Terceiro Mundo e pôde, portanto, compreender que seguir determinadas prescrições não levaria o país ao desenvolvimento idealizado porque lhe faltavam as condições propícias ao cumprimento do receituário. Ele se revoltou contra a importação e aplicação de prescrições doutrinárias econômicas convencionais para o desenvolvimento econômico e insistiu que as estratégias para o desenvolvimento econômico dos países subdesenvolvidos teriam de ser formuladas levando em consideração as circunstâncias locais.

Hirschmann se propôs a criticar esta concepção de desenvolvimento e para isso utilizou argumentos pouco tradicionais para a época. Ele teceu suas idéias indagando: como um país estagnado pode preencher tantas condições indispensáveis ao desenvolvimento? Em resposta, apontou caminhos que ele considerou adequados para o desenvolvimento dos países da América Latina; ao mesmo tempo, contribuiu para a ampliação da concepção de desenvolvimento econômico, que passou a sinalizar um caminho, se não para a ação transdisciplinar, pelo menos para a interdisciplinar. De toda forma, acredita-se que nas suas idéias constava a necessidade de transpor o ideal científico moderno, o que será tratado a seguir.

### **3 Transdisciplinaridade na obra *A estratégia do desenvolvimento econômico***

Uma das características marcantes de Hirschmann é a sua autocrítica, evidente em alguns dos seus escritos. Ela expressa a sua convicção de que olhar para as próprias constatações de certa época e propor revê-



las não significa declinar do que defendeu, mas atualizar, com base nas novas circunstâncias e com as experiências adquiridas, o pensamento original. Esta ação o autor define como auto-subversão e em uma obra com o mesmo título, deixa claro que rever seus conceitos é desvencilhar-se de determinadas concepções para renová-las.

[...] Percebi que um novo livro, muito diferente, estava em gestação quando meus trabalhos mais recentes passaram a concentrar-se em questionar, modificar, qualificar e, de modo geral, complicar algumas de minhas proposições anteriores a respeito da mudança social e desenvolvimento. Quando essa tendência se tornou particularmente pronunciada, encontrei um termo para designá-la: eu estava sendo e gostando de ser “auto-subversivo” (Hirschmann, 1996).

A subversão do autor também pode ser constatada na sua teoria a respeito do desenvolvimento econômico. Hirschmann começou a desenvolver seu pensamento indo ao encontro aos modelos que estavam determinados até então. E porque discordava, às vezes, de outros estudiosos e de si mesmo, mas sem “dizimar” as teorias predominantes, foi que avançou de maneira significativa nas explicações a respeito das estratégias que precisam ser adotadas para propiciar o desenvolvimento de países do Terceiro Mundo. Esta pode ser a primeira pista encontrada no pensamento do autor que acena para a perspectiva transdisciplinar. A subversão significa olhar para um outro rumo, colocar-se em novo ponto de observação para enxergar a realidade sob outra ótica. No entanto, é uma subversão que não desconsidera os elementos do contexto, não é a-histórica.

Sobre contestar o pensamento predominante, Hirschmann (1961b) afirma,

O desacordo com as doutrinas em voga é uma decorrência natural de tal esforço (de transformar o pensamento). Algumas vezes, só me apercebia disso quando estava elaborando as minhas próprias idéias. Em alguns setores, entretanto, há muito me mostrava insatisfeito com o estado atual dos nossos conhecimentos, por exemplo: as teorias existentes pareceram-me especialmente inaplicáveis pelo fomentador de decisões nos países subdesenvolvidos, quando precisam determinar pontos estratégicos básicos no plano de desenvolvimento, tais como assinalar prioridades de áreas ou setores ou a modalidade de esforço de industrialização a ser conseguido. Tenta-se abrir aqui novos caminhos à equação destes problemas.

A subversão é elemento do movimento transdisciplinar que presume ampliar a compreensão da realidade existente e por isso tende a transpor fronteiras para ocupar espaços de diversos campos do saber que não estavam consolidados. A partir do momento em que há a discordância, é possível enxergar “arestas” de vários campos disciplinares que podem ser preenchidas tanto com conhecimentos diversos quanto com as experiências sensíveis. Assim,

o que é transdisciplinar sugere a insubordinação. [...] A realização desse desejo (de mudar o que está posto) da-se à custa da subversão da ordem da disciplina e de suas fronteiras, supostamente garantidas pela funcionalidade da ciência moderna, pelas instituições acadêmicas que lhes concedem status, pelas corporações profissionais que lhes reproduzem a legalidade da ordem (Hissa, 2002).

A transdisciplinaridade exige liberdade de pensamento, criatividade e crítica. O discurso científico pode ser apropriado e ampliado a qualquer tempo, para transformar-se em questionamento às armaduras metodológicas criadas pela ciência moderna.

Ainda criticando o pensamento hegemônico, Hirschmann constata que embora muitos pensadores, englobando várias áreas do saber, tivessem apontado caminhos para o desenvolvimento econômico de países subdesenvolvidos, é preciso perceber que as prescrições não davam certo porque a experiência demonstrava (mundo sensível) que as aptidões para desenvolver-se poderia existir em qualquer povo, raça ou grupo humano e que mesmo não tendo recursos naturais apropriados, nações pobres podem conseguir desenvolver-se. A partir desta argumentação, tece muitas outras que demonstram o quanto as teorias do desenvolvimento formuladas até então eram falíveis. Diz, por exemplo, contrapondo a convicção de que as economias e o capital, por si, só desencadeariam o desenvolvimento de determinado lugar, que

no que diz respeito às economias e ao capital, sabem, há muito, os antropólogos que povos primitivos que, segundo padrões ocidentais, vivem à margem da subsistência, insistem, não obstante, em aplicar uma parte considerável de tempo, energia e recursos em comemorações, presentes e em outras atividades não relacionadas diretamente com o consumo. Nos últimos anos, uma quantidade cada vez maior de economistas chega a duvidar que a insuficiência de economias seja o fator mais importante para impedir o desenvolvimento (Hirschmann, 1961b).

E acrescenta: “O papel propulsor do capital é geralmente depreciado por aqueles que acentuam a importância do espírito empreendedor e dos conhecimentos administrativos e técnicos.” (Hirschmann, 1961b). Então o capital não é garantia de desenvolvimento e sim a conjugação dele com a capacidade que as pessoas têm de fazer a sua gestão. Isso pode ser definido como empreendedorismo, algo que, segundo o autor, não falta aos países subdesenvolvidos. Para analisar e criar estratégias de desenvolvimento, é necessário que o país tenha capital, traduzido através de certos recursos e fatores de produção, mas também seja capaz de organizar e aplicar corretamente tais recursos o que só é possível através da descoberta de aptidões das pessoas que habitam o local.

Além de contrariar o receituário vigente, Hirschmann admite que o desenvolvimento seja gerado dentro do contexto local, embora possa receber contribuições externas, como capitais. Se um país não tem condições materiais de buscar o desenvolvimento, pode receber capital de ou-

tras nações. Entretanto, isso não pode ser determinante da concepção de crescimento, ou seja, o capital precisa ser aplicado e gerido de acordo com as aptidões locais, que são constituídas pela cultura, espaço geográfico, e necessidades do lugar e não de acordo com a concepção de desenvolvimento de países que têm realidades completamente diferentes dos países do Terceiro Mundo.

Ao considerar o contexto local, defendendo a autonomia do espaço geográfico, da cultura e das aptidões dos povos latinos, Hirschmann oferece a segunda pista de que o seu pensamento aponta para a concepção transdisciplinar de desenvolvimento econômico. As suas idéias coadunam com o que afirma Morin (1996):

Devemos ir do físico ao social e também ao antropológico, porque todo conhecimento depende das condições, possibilidades e limitações de nosso entendimento. [...] É, portanto, necessário enraizar o conhecimento físico, e igualmente o biológico, numa cultura, numa sociedade, numa história, uma humanidade. A partir daí, cria-se a possibilidade de comunicação entre as ciências e a transdisciplinar é a que poderá desenvolver-se a partir dessas comunicações.

Quando Hirschmann estabelece que a concepção de desenvolvimento econômico tem de contemplar as aptidões locais, de certa forma propõe que as concepções teóricas sobre o assunto precisam ser reformuladas porque padecem de limitação de entendimento. É reconhecer, embora de maneira subjacente, que apenas os princípios puramente econômicos não dão conta de explicar a complexidade dos fatores que desencadeiam o desenvolvimento e outras concepções, de outras disciplinas, precisam ser incorporadas ao corpo teórico. Em muitas partes do seu texto, o autor contempla prismas da Antropologia e Psicologia para explicar porque o comportamento das pessoas nos países subdesenvolvidos é diferente; por isso, determinadas ações que foram aplicadas com sucesso na Europa, não têm necessariamente o mesmo efeito quando aplicadas aqui. Assim, ele reconhece que modelos são falíveis e é preciso reconstruir o conhecimento a partir da complexidade local, ampliando o ponto de observação. Um país subdesenvolvido pode desejar o desenvolvimento a partir da constatação de que outras nações o obtiveram. No entanto, crer que somente por isso caminharão seguindo os mesmos passos é um equívoco, pois,

Em todo caso, os países subdesenvolvidos vêm somente os frutos do progresso econômico e poucos sabem sobre as rotas que precisam perfazer pra alcançá-lo. Se desejarem os frutos, de qualquer forma se disporão a procurá-los. Assim, descobrirão quais as modificações do próprio meio social requeridas no curso do processo de desenvolvimento, à medida que tomarem iniciativas erradas e as acertarem, e superarão os sucessivos obstáculos. Dessa forma, melhor do que *a priori*, determinarão quais de suas instituições e traços característicos são retrógrados e devem ser reformados ou abolidos. A tensão do desenvolvimento não se manifesta, deste modo, tanto entre lucros e sacrifícios conhecidos, quanto entre a meta e ignorância e as idéias errôneas acerca das trilhas que conduzirão a esta meta (Hirschmann, 1961b).

Ao mesmo tempo em que trilhar os próprios caminhos significa negar que a prescrição hegemônica necessariamente resolve os problemas de crescimento econômico, conduz ao reconhecimento de que as novas formulações teóricas serão geradas dentro do antigo cenário de subdesenvolvimento. Esta é a terceira pista percebida no pensamento de Hirschmann que sugere a ação transdisciplinar. O desenvolvimento é gerado dentro das próprias circunstâncias do subdesenvolvimento e não se nega a importância estratégica do aparato estrutural e financeiro nesse processo de transição.

No entanto, é preciso que cada país cometa acertos e erros, sem necessariamente fazerem isso porque são retrógrados, mas porque trilham o próprio caminho rumo às novas condições geradas pelo crescimento econômico, ou seja, é preciso tecer a nova realidade necessariamente a partir da existente. Assim, não são as nações ricas, já desenvolvidas, que podem determinar o exato tempo em que o subdesenvolvimento é superado pelo desenvolvimento. Elas não ditam o que é ou deixa de ser ultrapassado e sim a própria nação subdesenvolvida, que descobre isso paulatinamente, durante o transcorrer do processo. Quando Hirschmann considera as condições históricas para explicar o subdesenvolvimento e entendê-lo como uma etapa necessária, quer dizer que a experiência atual é levada em conta na elaboração das novas concepções científicas sobre o assunto. Isso implica em dizer que o desenvolvimento é uma etapa posterior que só é alcançada porque as condições e o tempo histórico para isso, presentes no subdesenvolvimento, não foram desprezados. Estas idéias vão ao encontro das concepções de Morin ao dizer que “o pensamento complexo é, portanto, essencialmente, o pensamento que lida com a incerteza e que é capaz de conceber a organização. Trata-se de um pensamento capaz de reunir, contextualizar, globalizar, mas ao mesmo tempo de reconhecer o singular, o individual, o concreto” (Morin e Wulf, 2003). Hirschmann considera a incerteza na análise das circunstâncias do subdesenvolvimento porque leva em conta as razões pela qual um país é subdesenvolvido e o tempo necessário para alcançar o desenvolvimento e não determina, como faz as concepções hegemônicas, que isso ocorrerá a partir do momento em que modelos externos à realidade local são aplicados.

As três pistas aqui apresentadas não pretendem afirmar que a concepção de Hirschmann sobre o desenvolvimento adota a perspectiva transdisciplinar; tampouco, que compõe o ideal científico moderno, mas, demonstram que o autor, mesmo escrevendo sua tese na década de 1950 e não questionando o sistema capitalista, faz reflexões que remete para além do paradigma de ciência dominante e se aproxima, portanto, dos conceitos de transdisciplinaridade e complexidade, discutidos na atualidade.

#### 4 Considerações finais

A complexa realidade contemporânea apresenta muitos problemas cujas respostas o modelo vigente de ciência já não consegue responder. Em certa época da história da humanidade, o mundo ocidental fez a escolha por uma concepção de método científico que tem como alguns pontos centrais, tais como: o isolamento do conhecimento em disciplinas específicas; e o distanciamento total do sujeito do objeto de conhecimento. Nesse sentido, as experiências cotidianas nem sempre são consideradas como relevantes na produção do conhecimento científico. A proposta atual é que esta visão da ciência não seja descartada, mas ampliada. A idéia é de que o conhecimento é algo que se faz historicamente, contextualmente, através da junção de diversos saberes e de várias experiências. Esta nova forma de encarar o mundo científico pode ser, portanto, mais adequada para explicar o mundo.

A transdisciplinaridade surge como um conceito que se traduz em uma ação dinâmica, aberta, contextualizada e expressa o novo paradigma de ciência. Ela é a atitude que se faz através do pensamento multidimensional, tentando visualizar o contexto e a complexidade do mundo. Exige liberdade de pensamento, criatividade e crítica, bem como possibilita que o conhecimento científico seja apropriado e ampliado a qualquer tempo, para transformar-se em novas idéias. O pensamento transdisciplinar sugere a integração entre os saberes como forma de conhecer a realidade para transformá-la.

Pensar em desenvolvimento econômico, na forma como atualmente é definido, leva à constatação de que a elaboração deste conceito não é possível ser feita a partir de um único ramo do saber. A Economia não consegue, por si só, dar conta de toda a complexidade que envolve o tema. Explicar como uma nação pode se desenvolver requer interação entre diversos conhecimentos e, ainda, a compreensão de que a própria atitude de quem busca este tipo de conhecimento não pode ser disciplinar. Albert Hirschmann parece concordar com isso. Mesmo não tendo se preocupado em fazer uma crítica ao ideal científico moderno, construiu conhecimento científico que aponta para a concepção transdisciplinar.

Ao elaborar a sua teoria do desenvolvimento, Hirschmann apresenta a sua opção pelo "ir além de" quando assume que é preciso subverter o próprio pensamento para conseguir avançar na elaboração teórica. Analisando o pensamento do autor é possível encontrar, além desta, outras pistas de que a sua postura científica condiz com a tendência da interação de saberes. Hirschmann, mesmo sem dizer explicitamente, na década de 1950, já adotava, implicitamente, uma idéia de desenvolvimento senão ainda transdisciplinar, pelo menos interdisciplinar.

## Referências

- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. Regras para a direção do espírito. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- HIRSCHMANN, Albert. *Auto-subversão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- . *Estratégia do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Fundo de Cultura, 1961.
- HISSA, Cássio E. V. *A mobilidade das fronteiras*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- MENDES, Cândido; LARETA, Enrique (Orgs.). *Representação e complexidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- . *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.
- MORIN, Edgar; WULF, Christoph. *Planeta – a aventura desconhecida*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- SANTOS, Boaventura de S. S. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. <[www.ces.uc.pt/bss/index.php](http://www.ces.uc.pt/bss/index.php)>. Acesso em: 9 maio 2004.
- . *A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. São Paulo: Cortez, 2002.